



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

Modalidade de apresentação: Comunicação Oral

DA EPISTEMOLOGIA À FILOSOFIA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Solange Puntel Mostafa Correio
Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto

RESUMO: A presente comunicação oral para o IX ENANCIB tem a proposição de trazer à reflexão do grupo de trabalho o objeto de pesquisa e estudo da autora. Percorre o trajeto teórico desenvolvido pela pesquisadora, desde sua tese de doutorado de 1985 até o presente momento, revisando as relações existentes e possíveis da Biblioteconomia / Ciência da Informação com as três formas do pensamento – Arte, Ciência e Filosofia – com o objetivo específico de relacionar esta temática aos conceitos filosóficos de Gilles Deleuze (e de Félix Guattari) com a apresentação sucinta de tais conceitos e suas aplicações práticas na representação, organização e tratamento do objeto informacional.

Palavras-chave: Epistemologia. Filosofia. Biblioteconomia. Ciência da Informação.



1 INTRODUÇÃO

A autora desta reflexão tem, na Biblioteconomia e Ciência da Informação, em seus movimentos teóricos e conceituais, seu objeto de estudo e pesquisa. A pergunta por raízes epistemológicas que embasassem as práticas da Biblioteconomia – e da emergente, à época, Ciência da Informação – foi o objeto da tese de doutorado em 1985, texto que levou o título, um tanto ambicioso de *Epistemologia da Biblioteconomia*.

A hipótese da tese era de que a cientificidade da Biblioteconomia não se sustentava, unicamente, nem em seu fazer-instrumental-rotineiro-operacional nem no fazer-tecnológico-científico, pois o rigor lógico-formal não poderia ser descolado das condições reais da prática bibliotecária. Os problemas reais, foram, na tese citada, correlacionados aos aspectos sociais da prática e, paralelamente, trouxeram à tona um caráter da Biblioteconomia associado à Arte. Destarte, o capítulo primeiro da tese se intitulava: *A Biblioteconomia no Pêndulo: Ciência ou Arte?* (MOSTAFA, 1985).

A justificativa para tal questionamento repousava sobre a assertiva de que todas as disciplinas sociais atormentavam-se em seu caminho de consolidação, na demarcação dos limites entre Ciência e Arte. Psicologia, Medicina, Sociologia, Educação, Enfermagem, História e assim por diante, se viam condenadas às dúvidas da herança positivista que as colocava, dicotomicamente, entre estas duas grandes formas do pensamento. Em 1985, quando a Biblioteconomia confrontava-se com a Ciência da Informação, esta preocupação se tornava enfática e, mais ainda, problemática.

A tese de doutorado se desenrolou visitando e revisando os teóricos do campo no que diz respeito a esta prática científica para, depois, colocar algumas questões críticas sobre o método científico. Entretanto, agora, passados 25 anos desta tese ainda citada na bibliografia da Biblioteconomia brasileira (DODEBEI, 1997; FRANCELI, 2003 e MEY, 2010), cabe ressaltar que uma questão básica - exposta mas não esgotada - no projeto original é posicionar o lugar da Filosofia - apontando-a como uma das três grandes formas de pensamento - na sua intercessão com a Biblioteconomia e a Ciência da Informação.



Já havia, em 1985, na revisão teórica e nos estranhamentos provocados pela tese de doutorado, a presença constante da filosofia permeando as pesquisas, os autores e as teorias da área; a seguinte citação, aparecia já, na apresentação da tese: “Farinas (1973) advoga a necessidade fundamental da existência de princípios filosóficos que norteiem a sua atuação [do bibliotecário] e mesmo a justifiquem”. Entretanto, há de se notar que apesar da caracterização da necessidade dos conceitos filosóficos aplicados à área, a tese ocupou-se basicamente da cientificidade da Biblioteconomia e da discussão do social sob as lentes de uma sociologia tradicional.

A ausência do papel da Filosofia como forma de pensar a Biblioteconomia e a Ciência da Informação somente foi resolvida na prática e na pesquisa da autora com a introdução, em seu material de estudos, dos conceitos desenvolvidos pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, passados mais de duas décadas da defesa de doutorado. Justamente no final da década de 1980, coincidindo temporalmente com a tese em questão, os autores franceses lançavam, na França, o livro *O que é a Filosofia?*, publicado no Brasil em 1992. Tendo como pano de fundo os conceitos de Deleuze e Guattari, toda uma nova possibilidade para a filosofia se descortinava: para estes autores, ela, a Filosofia é a forma de pensamento responsável pela criação de conceitos. Conceitos filosóficos que são, para estes autores, capazes de realizar os movimentos absolutos do mundo.

2 DA ARTE/CIÊNCIA À ARTE/CIÊNCIA E FILOSOFIA

Deleuze e Guattari dedicam seu livro da maturidade *O que é a Filosofia?*, justamente, para estabelecer os domínios e as funções de cada uma destas três grandes formas de pensamento.

Para estes autores, Arte, Ciência e Filosofia têm em comum a força criadora e a capacidade de realizar movimentos no pensamento, ainda que os movimentos absolutos do pensamento caibam à Filosofia. É certo que fazer Filosofia é um exercício do pensamento, um “trabalho intelectual”, mas nesta nova concepção, é função da Filosofia traçar todas e possíveis linhas de fuga, afastar-se desta ilusão de que “nossa experiência



cotidiana, nossas crenças e opiniões alcancem uma visão crítica” seja de si mesma, seja do mundo!

Os conceitos, neste plano do pensamento, são como intensidades incorporais, ordenadas intensivas que dizem do Acontecimento, não do estado das coisas. Os conceitos se acomodam por vizinhança, por zonas de proximidade e indiscernibilidade construindo um plano sempre-novo-possível; ao invés de qualquer sistematização esperada das funções científicas, representadas por suas regras estabelecidas.

O pensamento aqui é definido pelo enfrentamento que faz ao caos. É diante do caos, que se nos apresenta sempre a cada momento, menos definido por sua total desordem e mais pelas velocidades infinitas que apresenta e, que por esta característica, faz desaparecer ou destrói toda a forma possível que nele se esboça. E é este caos que é enfrentado, é lá que se vai à busca de uma consistência possível para organização da existência, do conhecimento, da informação e da vida.

O caos é o **virtual** (o todo possível, o impensável para o pensamento, [como o Acontecimento] “real sem ser atual, ideal, sem ser abstrato” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 202). Cabe à filosofia, através da criação de seus conceitos e da construção do plano de imanência, realizar a atualização deste virtual, traçando na vida uma consistência possível, os acontecimentos vividos.

A arte também enfrenta o caos e, através de perceptos e afectos tem a pretensão de fixá-lo em suas obras, em seus monumentos. A arte tem a pretensão de criar um finito que restitua o infinito. À arte cabe traçar um plano de composição, através da invenção de suas figuras estéticas.

Desta forma, quando o artista senta diante de sua tela em branco, ele se confronta com o caos! Ele vai ao caos infinito, defronta-se com aquelas velocidades infinitas, onde tudo que se esboça e tende a evanescer antes de se cristalizar. Pois bem, o artista recorta este caos, traz um pedaço dele, fixa aquela sua visão do infinito. Arte, uma incorporação estética, o infinito recortado pelo artista que eternamente reconstituirá aquele pedaço de caos por ele percebido e fixado.

A ciência também vai ao caos, o recorta, seleciona uma porção finita do infinito; mas, ao contrário da arte e da filosofia, abre mão deste infinito, desiste de apreendê-lo, para ganhar referência. A ciência quer resolver problemas imediatos, desacelera as velocidades e traça um plano de coordenadas variáveis, funções e proposições que vão



definir o chamado estado das coisas. As ciências sociais – dentro da sua herança moderna – têm feito ciência; desistindo do infinito, reduzindo suas pretensas a proposições, normas e regras que podem dar conta do estado das coisas. Nesta perspectiva, as ciências sociais não criam conceitos.

Por mais que as ciências sociais tenham provocado movimentos no mundo, estes não foram absolutos. Não inovaram, não permitiram o surgimento da criação, pelo contrário, reduziram o múltiplo ao hegemônico dominante e constituíram todo um instrumental teórico que fosse capaz de lhe dar o necessário suporte. Movimentos absolutos são aqueles que, por serem flexíveis, dão conta do Acontecimento, do inesperado, no novo, dentro de uma perspectiva extemporânea, a-histórica, sempre nômade, em movimento prestes a se desterritorializar e reterritorializar algures.

Enquanto isso, a filosofia, por sua vez, tem a intenção de salvar o infinito, de preservar as velocidades infinitas do caos. A filosofia também faz um crivo no caos, uma escolha, um recorte e traça um plano de imanência, provocando movimento, levando seus conceitos consistentes, os acontecimentos, ao infinito.

“Os três pensamentos se cruzam, se entrelaçam, mas sem síntese nem identificação” (Idem, p. 254). A Arte com seus perceptos e afectos, através de suas figuras estéticas, provocando sensações compostas, fixando o caos em seus monumentos; a Ciência através de funções e proposições, traçando suas referências; e a Filosofia dentro de seu plano de imanência, através de seus personagens conceituais criando sempre novos conceitos e imagens do pensamento.

Uma idéia revolucionária porque coloca as três grandes formas do pensamento em posição hierarquicamente igual. Não há proeminência nem privilégios de uma forma de pensar sobre a outra. Entretanto, cada uma delas tem, agora, suas atribuições, seus indivíduos, suas funções, suas possibilidades, seus devires e seus limites.

A filosofia, ao contrário do universal, do consenso ou da *doxa*, opera por **singularidades**. A criação dos conceitos filosóficos tem como finalidade explicar o que os tais universais não explicam. É certo o comprometimento da filosofia com o estranhamento, com a desbanalização do que aparentemente é sem importância, com o espantar-se diante da vida, mas, insistem Deleuze e Guattari, o importante é fazer filosofia através do conhecimento trazido pela criação dos puros conceitos.



A maior novidade desta nova teoria é o aspecto de antevisão que os conceitos promovem em contraposição à reflexão ou à compreensão de que a Filosofia não é uma reflexão que fazemos da vida ou dos processos societários quaisquer que sejam. A filosofia é criação. “Guardando o infinito, a filosofia dá uma consistência ao virtual por conceitos; renunciando ao infinito, a ciência dá ao virtual uma referência que o atualiza, por funções” (Idem, p. 153-154).

A ciência promove uma “parada da imagem”, uma “fantástica desaceleração”. O objetivo da ciência é limitar o caos, usar estas variáveis escolhidas na construção de proposições e constantes universais que possam ser usadas para solucionar problemas práticos do vivido.

“Os atos de referência são movimentos finitos do pensamento [...] Todos os tipos de proposição são prospectos com valor de informação” (Idem, p. 180). A lógica se preocupa com a “reconhecimento do verdadeiro” e portanto, diferentemente da filosofia, se ocupa com a comunicação e com a informação desta verdade.

Outra possível, encantadora e irresistível linha de fuga: A lógica se apresenta, então, como uma ideografia, da mesma maneira que a história se transforma em historiografia quando se ocupa de comunicar ou informar supostos fatos ocorridos. Assim, também se afirma que é a filosofia que lida com a atualização do virtual em acontecimentos, enquanto a ciência informa e comunica, atualizando através de suas proposições o acontecimento em estado das coisas.

Deleuze e Guattari lembram que a filosofia, em todos os tempos, corre este risco de ao se parecer demais com a lógica, promover movimentos pobres e infantis. O movimento do pensamento próprio da filosofia é aquele que vai ao “interior dos estados das coisas”, em busca da consistência, da atualização do virtual em um Pensamento-Ser ou Pensamento-Natureza.

Se o mundo do vivido é como a terra, que deve fundar ou suportar a ciência e a lógica dos estados de coisas, é claro que os conceitos aparentemente filosóficos são requeridos para operar esta fundação primeira [...] Os conceitos filosóficos serão funções do vivido, como os conceitos científicos são funções de estados de coisas (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 183-184).



2.1 E, ENTÃO, A CIÊNCIA?

Como dito, Ciência e Filosofia têm caminhado juntas pela história e seus domínios, estruturas e funções têm se confundido em uma névoa - a ponto de muitas vezes caber a questão do que os teóricos fazem diante de um problema estabelecido (diante do caos das velocidades infinitas). Nas palavras de Deleuze e Guattari: "o conceito é o acontecimento como puro sentido que percorre imediatamente os componentes... (Idem, p. 187);"Em resumo, não há conceito senão filosófico sobre o plano de imanência, e as funções científicas (...) não são conceitos". (Idem, p.188)

Tudo que trabalha com funções, equações, e trata do estado das coisas é Ciência. "A lógica é reducionista, não por acidente, mas por essência e necessariamente: ela quer fazer do conceito uma função [...]. É uma relação de dependência ou de correspondência (razão necessária) que define a função" (Idem, p. 177).

Ambas formas de pensar, ciência e filosofia deslizam sem parar uma sobre a outra "a filosofia precisa de uma não-filosofia que a compreenda, ela precisa de uma compreensão não -filosófica, como a arte precisa da não-arte e a ciência, da não-ciência" (Idem, p.207). "O que basta para as "idéias correntes", não basta para as "idéias vitais" - as que se deve criar. Os movimentos absolutos do mundo é evolução criadora, idéias vitais, que bifurcam, e não param de bifurcar, que pensam outro mundo; desembocando numa encantadora equação $Eu=Outro$.

As idéias científicas são "correntes", equacionam, trabalham com incondicionais, com números, com funções. Dão conta de ir ao caos, recortar um pedaço e estancá-lo, resolvê-lo, não há virtual nem acontecimento para as ciências. A atualização do virtual, o Acontecimento são coisas da filosofia.

3 DAS PRÁTICAS SOCIAIS AOS RIZOMAS E REDES

Em 1985, na tese de doutorado supracitada, uma das conclusões que permaneceram vivas no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação era de que esta área do conhecimento - dedicada ao tratamento dos objetos informacionais - tratava de uma prática social. À época, a expressão "práticas sociais" dizia respeito a



pressupostos teóricos ligados às concepções da sociologia clássica marxista, dicotomizada em classificações estabelecidas como capital/trabalho, classe trabalhadora/capitalistas e, sobretudo o trabalho, visto como categoria antropológica. A imagem do pensamento em que hoje se colocam os diversos novos autores com quem temos trabalhado, desenha um novo conceito de “social”. Da Sociologia que se preocupava com as relações de causa-efeito do sujeito em relação à sociedade (ou vice-versa, das influências do social sobre a constituição do sujeito) passa-se - neste novo plano - a considerar as potências dos seres (e das coisas) nas suas relações e encontros experienciadas no vivido. Esta trajetória do “social-da-sociologia” para a potência da multidão e suas aplicações na ciência da informação é o objeto da reflexão e da pesquisa aqui propostos.

A necessidade de Deleuze em escrever este livro testamento para nos explicar o *que é a filosofia* tinha a ver também com a o sucesso das ciências humanas e sociais, principalmente a sociologia que, segundo eles, substituía o pensamento filosófico e os conceitos filosóficos pelas representações coletivas, transformando-os em concepções *do mundo criadas pelos povos*. A sociologia já tinha 150 anos quando Deleuze escreve *O que é filosofia*, portanto ele está falando de um longo percurso da intervenção sociológica no mundo das idéias. Deleuze e Guattari entendiam que a filosofia não podia ser reduzida a uma estrita ciência humana, como a sociologia. Mas eles se queixam também de outras rivais, não só a sociologia, mas também a epistemologia, a lógica e a área da comunicação, com o marketing se dizendo o dono do conceito.

Filosofia, então, para Deleuze e Guattari não faz a mesma coisa que as ciências humanas ou as ciências aplicadas. Tão somente porque a filosofia e os conceitos filosóficos devem nos mostrar um mundo diferente do que o que já temos. E as ciências sociais, o que fazem, é regular o mundo que temos, e o mundo dos homens e de seus conflitos. A sociologia desde o seu nascimento com Durkheim elege esses conflitos no conceito do fato social e, por social, Durkheim entende uma especificidade irreduzível a quaisquer outros aspectos da existência, sejam psicológicos, orgânicos ou cosmológicos.

A sociologia nasce, portanto, através de um processo de purificação do social e da sociabilidade. A sociologia marxista - embora revolucionária pelo aspecto materialista, e tendo a produção da vida, na base de suas premissas - acaba por polarizar os sujeitos em duas e apenas duas classes (capitalistas e trabalhadores), que embora, tenham sido



vistas como classes fundamentais, deixavam despotencializados e inativos, uma multidão de outros trabalhadores fora do ciclo da valorização do capital (mulheres, crianças, desempregados, trabalhadores domésticos, do setor de serviços, etc); não que Marx os ignorasse, há conceitos específicos em sua teoria do sujeito/trabalho para este contingente populacional, mas essa multidão é considerada sem importância na valorização do capital, e sem potência revolucionária.

Pois bem, a filosofia da diferença e da multiplicidade de Deleuze e Guattari não vai negar a exploração humana ou as mazelas do capitalismo mas farão outra leitura das relações sociais, do trabalho, do conflito e da cooperação no trabalho. Enquanto Marx parte do trabalho como categoria fundamental da existência e o modo de trabalhar (modo de produção) como definidor da acumulação do capital, e portanto, dos regimes econômico-sociais, Deleuze e Guattari partem do Acontecimento, como conceito filosófico. Em Marx, como em todas as fenomenologias, é a relação sujeito/objeto e a variação intersubjetiva que explica a constituição do mundo e de si. A constituição do mundo é pensada como produção e como fazer, já que o trabalho é visto como categoria antropológica, no sentido em que o homem se transforma, ao transformar a natureza. A natureza é suposta como objeto e o homem é suposto como sujeito. Já a filosofia deleuze-guattariana pensa o mundo como acontecimento e não como produção.

O acontecimento é algo diferente de um fazer ou de um dizer, explica Lazzarato (2006, p.26). Para Deleuze e Guattari, a tarefa da filosofia é justamente destacar o acontecimento das coisas e dos seres, mas o acontecimento não se refere ao vivido, ele sobrevoa o vivido ou o estado de coisas. Os conceitos filosóficos precisam então expressar a natureza dos acontecimentos. E o acontecimento é sempre virtual, pois ele não se atualiza no mundo, permanecendo como mundos possíveis.

A compreensão do virtual como campo dos possíveis vem da filosofia de Henri Bergson (1859-1941), no conceito de intuição e na mesma época, do lado americano, William James (1842-1910) falará em *experiência pura* para entender o campo transcendental de onde serão produzidos sujeitos e objetos. Para todos esses pensadores, qualquer produção do novo deve contra-efetuar o atual, sair da história, sair do existente e acessar a realidade do virtual ou deste campo transcendental.

Deleuze crê numa diversidade ontológica e na potência do virtual, numa fórmula repetida várias vezes nos livros quando diz que o virtual é **real sem ser atual, ideal sem**



ser abstrato. O Acontecimento é real sem ser atual, ideal sem ser abstrato. O conceito filosófico é real sem ser atual, ideal sem ser abstrato. Sim, o objeto da filosofia é real porque dá conta do experienciado, do vivido, dos problemas e estranhamentos da vida. Mas o conceito e o acontecimento não são atualizados. O atualizado é o que se refere ao estado de coisas, portanto objeto da forma de pensar das ciências. O objeto da filosofia é ideal, porque fruto da idéia, da associação de idéias, imaterial talvez, mas de forma alguma abstrato.

Acontecimento, devir, rizoma, virtual, atual são conceitos filosóficos que permitem pensar o social de maneira mais flexível do que a sociologia marxista clássica o permitiu, por pensar as relações à luz do acontecimento, fazendo diferir as identidades fixas, continuamente. O social é pensado como uma multiplicidade de relações que não dependem nem do sujeito nem do objeto, mas apenas de determinações, velocidades, movimentos, encontros, como reza o terceiro princípio do rizoma (p. 16). Em Deleuze e Guattari temos uma visão mais cosmológica do social e menos antropológica.

Na filosofia do acontecimento, o social é visto como agenciamento ou rizoma e por isso mesmo, sem a possibilidade de totalizações ou universalismos, à moda de uma colcha de retalhos, em que há uma espécie de adaptação dos pedaços entre si (*patchworks* e *networks*) baseada na experimentação das combinações possíveis. Daí a máxima deleuze-guattariana da experimentação, uma máxima que é também do pragmatismo americano e da sociologia filosófica de Gabriel Tarde, a quem Deleuze presta homenagens, tanto na sua tese de doutorado quanto no livro *Mil Platôs* (1996, p.98). Isto porque Gabriel Tarde foi um sociólogo que falou em fluxos e quantas, quantidade social, inspirado por uma filosofia da natureza mais vitalista ou física, reformulando a filosofia das mônadas de Leibniz, incluindo os desdobramentos matemáticos oriundos do cálculo integral, chegando a novos conceitos filosóficos relacionados à potência do infinitesimal (TARDE, 2002).

Hoje vemos os novíssimos filósofos-políticos entrarem novamente em cena, nas trilhas deixadas por Deleuze, Guattari ou Tarde. Esses novíssimos teóricos (não somente Bruno Latour que se dedica aos estudos da ciência) mas também os pensadores que se dedicam ao social, sem a depuração durkheimiana da sociologia, a exemplo de Hardt e Negri (2006) ou Lazzarato (2006).



Lazzarato (Idem) apresenta as revoluções do capitalismo através de uma política das multiplicidades, no diálogo com Gabriel Tarde e Deleuze em seus construtivismos infinitesimais. Em Deleuze, o Ser ou o existente passa por uma diferença interna que o faz diferir de si mesmo. As quantidades sociais são integrações de pequenas diferenças e variações. Daí a importância do par virtual/real, pois são as multiplicidades virtuais as geradoras das diferenças. É o aspecto virtual de nossas existências que nos coloca em posição de devir, de *outrar* algo ou alguém diferente de nós mesmos, dependendo do arranjo, das circunstâncias, do agenciamento, da colcha de retalhos desejada. Desejo é outra categoria importante nas filosofias desses autores, como Deleuze e Guattari ou Gabriel Tarde.

A diferença aqui em nada se compara com as diferenças específicas de Aristóteles, pois ela é interna ao Ser, a cada pedaço da colcha de retalhos de tal maneira que cada pedaço tem sua potência própria; os corpos são pensados como potências em variação contínua, a depender dos encontros. O mundo é pensado como um tecido de relações (físicas, sociais, vitais) que não se fecha, sempre aberto a novas composições.

Os elementos não se fundem num todo, de maneira que, ao serem transportados para outro agenciamento, configuram outras redes com outros sentidos. O sentido não é dado nas palavras ou nas frases mas no acontecimento, em uma relação disjuntiva que coordena o rizoma. Conjunção e disjunção, continuidade e descontinuidade, tal é a figura da rede latourniana, do rizoma deleuziano ou dos fluxos e desejos das mônadas tardeanas. As coordenações (dadas pela conjunção “e”) e as disjunções (o “ou” das disjunções inclusivas e exclusivas) constituem os operadores relacionais destas filosofias acontecimentais.

Se o acontecimento é sempre virtual, não se atualizando em estados de coisas e permanecendo como mundos possíveis, é o conceito de outrem, explorado em Mostafa e Nova Cruz (2009 p. 31-32) que irá expressar esses mundos possíveis. Para fugir à tentação humanista do Outro como sujeito, Deleuze e Guattari trazem o conceito de Outrem, numa poética criação baseada na história de Michel Tournier, que reconta a aventura de Robinson Crusóé, náufrago em uma ilha isolada e de seus encontros com sexta-feira, o selvagem. Encontros que possibilitam todo um novo mundo possível para Robinson, para a ilha e para o amigo. Mas os mundos possíveis são virtuais; eles existem mas não são atualizados e por isso precisam ser criados. Abrir-se ao possível é abrir-se a



uma descontinuidade em nossa experiência e a partir daí construir outra, em novos agenciamentos. E como explica Lazzarato (2006, p. 20) “atualizar e efetuar não são atividades de transformação (da natureza ou do outro), mas efetuações de mundos”. A efetuação de possíveis não remete à produção mas à invenção, à criação, o que mais uma vez desloca a categoria do trabalho marxista.

As perguntas levantadas pela autora sobre no texto de 1985 (MOSTAFA) com relação à Biblioteconomia ser uma Arte ou uma Ciência e, respondidas, no mesmo texto, com a prática socialmente determinada deste fazer, hoje poderia ser analisada como uma passagem do social às redes, na efetuação de mundos possíveis para a Biblioteconomia e Ciência da Informação. Um social visto, não mais pela constituição do sujeito, mas sim por suas relações com o mundo, os outros corpos, idéias e objetos. Relações, enfim, com tudo que existe, que afeta e se deixa afetar. Nesta ótica, a informação, por si mesma – como exemplo da nova imagem do pensamento – pode passar a ser considerada um nó, ou actante – capaz de afetar e ser afetada – representando uma potência a ser considerada nas redes estabelecidas no tratamento dos objetos informacionais.

É importante que se ressalte, e que se reafirme, que a Biblioteconomia e a Ciência da Informação enquanto lidam com o objeto informacional representacional (representável e representado) dá conta de sua apreensão e organização, lançando mão de recursos técnicos e científicos suficientes que abarcam os movimentos existentes entre os documentos, o patrimônio, a informação e o mundo em si. Afinal, é a partir deste caminhar entre o documento, o patrimônio, a informação e o mundo que a organização do conhecimento tem permitido que o pensamento humano dure, permaneça e esteja disponível para novas construções, ao infinito.

Trata-se de valorizar, sim, as normas técnicas e as regras do funcionamento de um museu, de uma biblioteca, de um arquivo. Estas normas estão diretamente relacionadas à condição material da informação. A informação, como bem problematizado por Buckland (1991) tem este caráter de coisa, de massa, que ocupa lugar e bytes. E, portanto, necessita ser tratada de acordo com uma ciência bem definida pelas práticas da informação.

Entretanto, a informação é também imaterial, algo não representacional e assim, possui um Ser, o Ser-da-Informação; se a informação é material, é coisa, também tem



seu caráter ontológico e, como Ser que é, Ser-da-Informação, como ente, entidade, ou existente, há que ser tratada como objeto da metafísica, pois a informação vai além da física, além da matéria. Aí, neste ponto, aparecem as linhas de fuga possíveis a uma nova imagem do pensamento, trazida, somente, por conceitos filosóficos que permitem que passemos a tratar a informação, como algo mais...

4 LINHAS DE FUGA PARA A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ao se colocar em um plano de pensamento filosófico específico – chamado por Deleuze e Guattari de Plano de Imanência, o cientista da informação tem a possibilidade de aplicar à organização do conhecimento, na sua prática profissional, uma nova idéia de pensamento voltada para o múltiplo, o diferente, o impensável, o novo.

O conceito destes autores, mais comumente aplicado à Ciência da Informação é o Rizoma, como encontrado para mapear contextos informacionais como pré-requisito de modelagem sistêmica (BURNETT e MCKINLEY, 1998), ou para demonstrar a originalidade de Ranganathan (ALMEIDA CAMPOS e GOMES, 2003). O conceito de rizoma é também usado para reposicionar à maneira como Paul Otlet entende o livro e a escrita no espaço social (DAY, 1997); mais comum é vê-lo aplicado ao conjunto das análises de ciberespaço (MONTEIRO, CARELLI e PICKER, 2006; DODEBEI e GOUVEIA, 2008) e, ainda aplicado às análises de ciência, ela mesma entendida de forma rizomática como em Sukovic (2008).

Entretanto, em todas estas apropriações, a questão da filosofia, na qual o conceito é gestado, passa despercebida. Rizoma nasce dentro de um manancial de conceitos filosóficos que tratam de devir. Pensar o rizoma desvinculado do conceito de devir e da filosofia das multiplicidades, despotencializa o próprio fazer filosófico. É exatamente o conceito de devir, o que não tem sido problematizado na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

4.1 DEVIR NA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Filosofar para Deleuze e Guattari é criar conceitos. Ora, criar conceitos é adentrar um plano propriamente de criação, invenção e de experimentação. Os conceitos



filosóficos não são representativos e por isso não precisam representar o mundo com exatidão. Como dizem Deleuze e Guattari, no livro *O que é filosofia*: - "É verdade que o conceito é confuso, vago, mas não porque não tem contornos: é porque ele é vagabundo, não discursivo, em deslocamento sobre um plano de imanência"[...] "o conceito é o acontecimento como puro sentido que percorre imediatamente os componentes (1997, p. 187).

Assim, em outra oportunidade, sugerimos dois conceitos filosóficos para a ciência da informação: *Linguagem Documentária Menor* (MOSTAFA e NOVA CRUZ, 2010; NOVA CRUZ e MOSTAFA, 2010) e *Classificação descritiva por afetos - CDA* (MOSTAFA e NOVA CRUZ, 2010a).

O devir é a maior preocupação desta proposta metafísica que não mais se preocupa em encontrar a essência das coisas mas sim a visão do problema como um acontecimento singular. A ressonância deste conceito na ciência da informação vislumbra uma criação fundamentada na intuição, que traz consigo uma emoção criadora. Uma linguagem documentária conceitualmente menor, minoritária e nova trará à ciência da informação um devir inovador.

Da mesma maneira, uma *classificação descritiva dos afetos* contempla a informação enquanto afeto ou afecção, ambas abordagens pouco estudadas na Ciência da Informação. Entende-se que a compreensão da informação como coisa e portanto, material e objeto de registro formal, como teorizado por Buckland (1991) precisa ser complementada com a noção de afeto (diferentemente da noção de evento proposta pelo autor). E assim pensarmos em uma classificação descritiva por afetos.

Novamente, Afeto, é um conceito filosófico. Afetos remetem diretamente a Espinosa que dedicou sua principal obra – *Ética* (2009). Para o filósofo, a idéia é um conceito que a mente forma a partir daquilo que o corpo percebe (Spinoza, 2009, p.51-52). A idéia, portanto, trata da “realidade objetiva” das coisas; a idéia é o modo de pensamento representativo. Já o afeto, é o modo de pensar não-representativo. Maiores desenvolvimentos sobre o afeto e a idéia como descritos por Espinosa e assumidos por Gilles Deleuze encontram-se no curso proferido por Deleuze em 24 de janeiro de 1978, recém publicados no Brasil (DELEUZE, 2009).



4.2 DA EPISTEMOLOGIA À FILOSOFIA

Um cientista da informação que reconhece esta nova vertente epistemológica – ou melhor, filosófica – para sua prática, tem diante de si um imenso desafio. Desafio teórico, de pesquisa e de campo de ação que ora apresenta-se à reflexão.

A prática profissional do cientista da informação inclui, definitivamente, um tanto de ciência, um bocado de arte e um quinhão de filosofia. A Epistemologia, por seu caráter científico e de vigilância metodológica é normativa. Tem servido desde sempre para analisar os alcances e acertos de funções científicas. Mostra e revela caminhos percorridos, demarcando movimentos do pensamento nas diversas áreas do conhecimento. A filosofia, por sua vez, como tratada por Deleuze e Guattari, não mostra caminhos percorridos, não faz reflexão e nem história. A filosofia cria novos mundos possíveis, foge da teleologia previsível e supõe sempre a criação do novo. Aquilo que ainda não foi pensado e que é o impensável para o pensamento e, que, no entanto, deve ser pensado.

Se a filosofia pensa a relação entre as idéias e as coisas, ela o faz de maneira bem diferente do que faz a ciência da informação, a museologia ou a arquivologia. Ou ainda, a epistemologia. A filosofia atua de maneira diferente do que qualquer prática afim. A filosofia da ciência da informação que propomos em nada se assemelha à epistemologia ou à história das ciências. Não descreve espaço percorrido. É invenção. A arte e a filosofia têm esse compromisso com a invenção, solucionam os estranhamentos do vivido, na medida em que abre para o novo.

Faremos filosofia quando encaramos a informação como conceito filosófico, quando a informação puder ser pensada em seu **Ser-Ontológico**, ultrapassando o tempo cronológico e antecipando quiçá novas relações ainda não pensadas entre o documento e o mundo por vir.



ABSTRACT: This presentation to the IX ENANCIB aims bringing for reflection of the working group the object of research and study of the author. This work runs along the theoretical path developed by the researcher, from her 1985 doctoral thesis until the present time, reviewing existing and possible relations of Librarianship / Information Science with the three main forms of thought - Art, Science and Philosophy - in order to, specifically, relate this theme to philosophical concepts of Gilles Deleuze (and Felix Guattari) summarizing these concepts and their practical applications in the representation, organization and management of informational object.

Key-words: Epistemology. Philosophy. Librarianship. Information Science.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA CAMPOS, M.L; GOMES, H. E. Organização de domínios de conhecimento e os princípios ranganathianos. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v.8, n.2, p. 150-163, jul/dez, 2003.

BOCCATO, V. R. C. **Avaliação do uso de linguagem documentária em catálogos coletivos de bibliotecas universitárias:** um estudo sociocognitivo com protocolo verbal. 2009. 301 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: <http://unesp.br/cgb/int_conteudo_imgcentro.php?conteudo=562>. Acesso em: 17 dez. 2009.

BUCKLAND, M. Information as a thing. **Journal of the American Society of Information Science** 42:5 (June 1991): 351-360

BURNETT, K.; MCKINLEY. Modelling information seeking. **Tallahassee: Interacting with computers** 10 (1998) 285-302

DAY, R. P. Otlet's book and the writing of social space. **Journal of the American Society for Information Science**, New York, NY, v. 48, n. 4, p. 310-317, 1997.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo, ed 34, 1992.

_____. **Curso sobre Spinoza**. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.

_____; GUATTARI, F. **O que é a filosofia**. São Paulo, Ed 34, 1997.



_____ ; _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.2. São Paulo, Ed 34, 1995.

_____ ; _____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34: 1995.

_____ ; _____. **O Que é a filosofia?**. Rio de Janeiro:Ed. 34, 1992.

DODEBEI, V.L.D.; **O sentido e o significado de documento para a memória social**. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 1997. 185 f.

_____ ; GOUVEIA, I. Memória do futuro no ciberespaço : entre lembrar e esquecer. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação** -v.9 n.5 out/08.

FARINAS, V.H.P.; Sobre a Biblioteconomia. **Rev. B. Brasília**, 1(2): 141, 1973.

FRANCELIN, M.M. A epistemologia da complexidade e a ciência da informação. **Ci. Inf., Brasília**, v. 32, n. 2, p. 64-68, maio/ago, 2003.

HARDT,M; NEGRI, A. **Império**. Record, Rio de Janeiro: 2006.

LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MEY, E.S.A.; Considerações XXXX, InCid v. 1 (1), 2010, no prelo.

MONTEIRO, S.; CARELLI, A.; PICKLER, M. E. Representação e memória no ciberespaço. **Ci. Inf., Brasília**, v. 35, n. 3, p. 115-123, set./dez. 2006.

MOSTAFA, S. P. **Epistemologia da Biblioteconomia**. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: [s.n], 1985. 140 f.

_____ ; NOVA CRUZ, D. **Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari**. Campinas: Alínea, 2009.

_____. NOVA CRUZ, D.V. Por uma linguagem documentária menor. In: BOCCATO, V.R.G, GRACIOSO, L.S.(Orgs.) **Estudos de Linguagem em Ciência da Informação**. Campinas: Alínea, 2010, no prelo.

_____. NOVA CRUZ, D. V. Patchwork como princípio de produção e organização do conhecimento. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**. Submetido em julho de 2010.

NOVA CRUZ, D. V.; MOSTAFA, S. P. O caso do Cientista da Informação que estudava Filosofia e adorava Literatura. In: ALMEIDA, M.; CRIPPA, G.(Orgs.) **Literatura e ciência da informação**. 2010, no prelo.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SUKOVIC, S. Information Discovery in ambiguous zones. **Library trends**, 57 (1):72-87
summer, 2008.

TARDE, G. **Sociologia e subjetividade**. Fortaleza: Relume Dumará, 2002.